Anno III — Porto Alegre, 21 de Julho de 1907 — Num. 63

A DEMOCRACIA

"Proletarios de todo o mundo - uni-vos!" — JORNAL DOS OPERARIOS — "Todos por um e um por todos!"

Secretario da redacção: Manoel P. Campos | Director: Francisco Xavier da Costa | Administrador e expeditor: Alberto Kruse

Publicado pelo Club Imprensa Operaria

"A Democracia" tem suas columnas francas a todos os operarios que quizerem tratar de assumptos de interesse real para a classe.

Apparece aos domingos. Assignaturas: Anno, 2$00; semestre, 1$000; trimestre, 2$000; pagamento adiantado.

A correspondencia para a redacção deve ser dirigida a Xavier da Costa, rua Coronel Genuino, ant. da Figueira, 46.

Todos os assumptos referentes á parte administrativa devem ser tratados com o administrador Alberto Kruse, rua General João Telles, n. 60, ou com o thesoureiro do *Club Imprensa Operaria*, Antonio Badaya, á rua Tiradentes n. 1.

São agentes da *Democracia*, para todos os effeitos:

Em Porto Alegre: Antonio Wandik, á rua Tiradentes, 1; Porfirio José da Silva, rua General João Telles, 23 H; Wilhelm Koch, rua Sete de Abril, 36; Miguel Zambrano, rua Pinto Bandeira, 13; Clemente Martinez, rua General Bento Gonçalves, 40; Manoel Campos, rua João Alfredo, 15.
Em S. Leopoldo: Oswaldo Kruse.
Em São João do Montenegro: Juvenal Alves de Oliveira.

ATTENÇÃO!

OS TRAIDORES!

Pedimos aos companheiros que sonberem quaes são os operarios desta capital que se compromettteram com Eduardo Hasslocher a ir substituir grévistas de S. Paulo, o obsequio de enviar a esta redacção os nomes dos mesmos, afim de os publicarmos na *Democracia*, como castigo á traição e aviso aos nossos companheiros paulistanos.

Pela moralidade da classe operaria é preciso que os Iscariotes sejam expostos ao desprezo publico.

A' POLICIA

Desapparecimento de uma menor

PROVIDENCIAS, SRS. DA JUSTIÇA!

A deficiencia dos nossos recursos intellectuaes colloca-nos muito áquem da importancia da causa de que nos acercamos por espirito de solidariedade de classe e por effeito de appello, que nos foi dirigido pelo interessado.

Acceitando a incumbencia — forçoso é confessar — ambicionamos um unico fim, aspiramos um unico resultado: — providencias em nome da lei, reconhecimento do direito que assiste a José Silveira de Castro, pai da menor Carolina de Castro, que desappareceu, ha um mez, pouco mais ou menos, da casa da familia do sr. Oscar de Paula Soares, residente á rua Pantaleão Telles, n. 187.

E', como se vae vêr, um caso mysterioso, conforme as informações que colhemos. A' policia compete encaminhar as providencias para desvendal-o, deixal-o ás claras.

A referida menor tem 9 annos de edade e é de côr.

José Silveira de Castro é residente em Viamão, e, por isso, encarregou nesta capital ao operario Manoel Peixoto, pessoa de sua confiança, de interessar-se pela menor e tel-a sob sua guarda.

Alugada á familia do sr. Paula Soares, essa menor, depois de algum tempo, desappareceu do alluguel, como acima dissemos, e passados 16 dias foi que o seu progenitor e o operario Manoel Peixoto tiveram conhecimento da triste occorrencia, por communicação da referida familia.

José Silveira de Castro, vindo a esta capital, procurou descobrir o paradeiro de sua filha Carolina, mas em vão, pois nem noticias soube.

Desanimado, pediu providencias a quem de direito, porém sem resultado, porquanto, a policia, affirmaram-nos, parece que nem siquer cogitou do facto!

O que é certo é que Carolina desappareceu, deixando seu pai chorando a sua ausencia, e não se sabe a causa pela qual fugiu, si é que se trata de fuga.

E' mysterioso e triste um caso destes; e, ainda mais, revestido de circumstancias taes, não se sabendo quem seja o responsavel, não se conhecendo o culpado.

Os patrões disseram apenas que procuraram e não encontraram-n'a.

Como não fosse encontrada, não deve entretanto passar despercebido o caso perante de auctoridades, a quem nos dirigimos, por intermedio destas linhas, pedindo sua intervenção directa.

Trata-se infelizmente de uma menor de côr, além de tudo pobre e, nestas condições, é bem possivel que sejam contraproducentes os nossos esforços em pról deste assumpto — gravissimo por qualquer lado que se o encare, mysterioso em todo o seu conjuncto.

Não importa isso!

Ha um pai que chora copiosas lagrimas pelo desapparecimento de sua filha roubada de um modo extranho aos seus carinhos.

Elle é pobre, e maior, portanto, é o nosso orgulho em nos collocarmos ao lado da sua causa, coparticipando, assim, da dôr paternal.

Viveiros de Castro, o luzeiro dos jurisconsultos brazileiros, diz: "Creando o Ministerio Publico a lei teve tambem por fim dar um defensor a todos os miseraveis que têm fome e sêde de justiça".

José Silveira de Castro, ferido em pleno intrinseco do coração, experimentando intensa amargura, abriga-se nessa bandeira de que fala o preclaro jurisconsulto, e espera providencias e justiça!

P. Alegre, 9-7-907.

EPAMINONDAS DE ALENCASTRO.

Que pensam de nós?

Andaram, ha dias, uns jornaes burguezes em azafama, para provar ou fingir provar que o coronel Caminha arrastará ou deixará de arrastar certo numero de proletarios ás urnas para suffragar, na eleição presidencial, o candidato governista. Falou-se que esse sr. assim procedia, usando ou abusando do nome do muito poderoso capitalista coronel Manoel Py.

Esse facto merece algumas palavras nossas.

Desde muito tempo que certos patrões procedem em relação aos operarios, a custa de quem vivem, quasi como os senhores feudaes procediam outr'ora com a *arraia miuda* submettida ao seu dominio.

Petulantemente pensam que o operario pelo facto de ser empregado nos estabelecimentos fabris delles é como que um complemento das machinas, das ferramentos, dos objectos da casa, que é *uma cousa*, inconsciente, que se deve mover no sentido ou nas condições desejadas ou estabelecidas pelo seu *dono*.

Supino desaforo é esse de julgarem o proletariado, no todo ou em parte, um agglomero de bestas, de vendaveis ou de idiotas, que se deixam conduzir ao sabor ou segundo as CONVENIENCIAS PECUNIARIAS deste ou daquelle medalhão eleitoral — *de occasião*.

Sendo desaforo ou si o deixasse de ser, a verdade é que commum tornou-se nesta terra de politicagem e de outras sortes de explorações (entenda-se, este vocabulo, no peior sentido...) ouvir-se affirmar que o industrialista Fulano e mais sr. Sicrano, gerente da companhia *Tal*, são verdadeiras potencias politicas, porque dispõem de cem, duzentos, quatrocentos ou quinhentos votos, isto é — o equivalente ao numero de operarios empregados nos estabelecimentos por elles dirigidos.

Affirmativas nesse sentido têm sido feitas em relação aos srs. Py, Herzog, Kappel, Victor Barreto, Englert, Bins etc.

E, hypotheticamente, não poucas pessoas que se julgam versadas em tricas e planos varios de cabala eleitoral reconhecem a influencia politica de Pedro, Paulo, Sancho ou Martinho, sobre o pessoal operario de fabricas ou companhias que elles administraram, geriram ou de que foram donos.

Dizem que um de taes influentes é ou pretende ser o sr. Caminha, ex-gerente da antiga companhia *Carris de Ferro Porto Alegrense*.

A duvida, em taes casos de influencia ou não influencia, versa, apenas, no seguinte: si é o sr. Py ou sr. Caminha quem a possúe sobre o pessoal daquella companhia de bonds, ou si é qualquer daquelles outros industriaes que podem dispor dos votos da totalidade dos operarios de cada uma das respectivas fabricas.

A duvida, que dá margem á discussão entre politicos burguezes, é limitada, no assumpto vertente, ao que acima expuzemos...

De modo que, para elles, é cousa fóra de controversia a submissão, o *acarneiramento* eleitoral dos trabalhadores das fabricas.

Os operarios destas votarão, fatalmente, conforme os seus patrões entenderem que elles devam votar...

Não se inquire quanto aos ideaes politicos do pessoal obreiro de taes estabelecimentos, porque... segundo a opinião dos senhores do regimen social contemporaneo, nós, os proletarios, não temos nem podemos ter outro ideal que não seja *gosar o inefavel prazer* de trabalhar para elles e por elles nos deixar governar discricionariamente.

De resto, manda o systema burguez que em tempo de paz não devamos passar, em politica de carneirada eleitoral; e em tempo de guerra nos contentemos em ser abundante *carniça para canhões, para o bem da patria e felicidade geral da nação*...

E eis o que pensam de nós!

Por nossa dignidade e por nossos direitos é mister uma vigorosa reacção a isso, que nos prejudica, que nos rebaixa, que nos annulla por todos os modos.

Não permittem, de facto, os burguezes, a interferencia da nossa propria vontade nos negocios do Estado; procuram vedar a acção da classe operaria no sentido de emancipar-se das algemas que lhe foram lançadas pelo egoismo e pela iniquidade das outras classes. Manda, pois, o nosso brio que, si ainda não podemos reformar de todo a miseravel organisação social de hoje, — não admittamos que além de nos explorarem no esforço physico para a consecução do pão quotidiano nos explorem, tambem, no que concerne ao exercicio de direitos politicos.

Informaram-nos, ha mezes, que o sr. Manoel Py, furioso com o governo, devido a impostos e a outras cousas por esse legalisadas, se fizera opposicionista — e, o que é mais comico, ameaçava, directa ou indirectamente, com o seu pessoal operario como força eleitoral ao seu dispor.

Não demos importancia á informação, porque, tendo conversado algumas vezes com aquelle argentario, não o suppunhamos nem o suppomos ainda desvairado pela vaidade de ser rico (e rico graças á sua expertesa de commerciante aliada ao usufruir a mór parte do resultado do trabalho alheio) tão desvairado que se esquecesse ou esqueça de que, quando fôr mistér, a *gente pobre*, de que elle fez parte não ha muitos annos, poderá reduzil-o á nullidade financeira que era dantes, e, portanto, á nullidade absoluta.

Informaram-nos, tambem, que outros industrialistas, entendendo haver motivos para serem agradecidos ao governo, promettem manifestar sua gratidão levando ás urnas, para suffragar o nome do candidato official, quasi todos os operarios de seus estabelecimentos, e que, com esse intuito, os qualificaram ultimamente.

Verdadeiras ou falsas estas informações, o certo é que cumpre aos operarios não se prestarem a instrumentos daquelles que são os mais ferrenhos sugadores do producto do seu trabalho.

Que teremos nós a ganhar nesse embate de paixões partidarias e attritos de interesses burguezes?

Votando em Carlos Barbosa melhoraremos a nossa situação? Succederá isto si votarmos em Fernando Abbott? Conseguiriamos tal beneficio si votassem em qualquer candidato federalista?

Absolutamente não! Porque, sem duvida alguma, está em jogo e resultará de tudo isso o interesse de uma ou de outra facção politica burgueza e nunca o da nossa classe.

Nós, operarios, só teremos a perder em tudo isso; quer o resultado seja alcançado por meios pacificos, ou a disputa do *cofre das graças* da presidencia descambe para o lado da

revolução — como o provino o boato — o lucro que houver tocará apenas a classes burguezas.

Portanto cumpre-nos, em defesa da nossa dignidade e dos nossos interesses materiaes mesmo, afastarmo-nos de todas as especulações da politicagem. A' affirmativa dos patrões do que nos arrastarão ás urnas, ao sabor delles — respondamos com a abstenção eleitoral, provando, deste modo, áquelles srs., que si elles ainda fraem *direitos* — discricionarios até — sobre o nosso trabalho, esses *direitos* não vão a ponto de tornar como que um prolongamento do exercicio profissional do operario sob as ordens patronaes o exercicio que este faça de qualquer das suas reaes ou apparentes regalias politicas.

O salario que o obreiro recebe do patrão é SOMENTE *a minima retribuição* do trabalho delle; e não, como certos patrões entendem, abusando da tolerancia excessiva de seus empregados, o preço do aluguel da pessoa do operario com os respectivos direitos politicos.

E pois, companheiros, não nos deixemos transformar em instrumentos eleitoraes de taes senhores ou de quem quer que seja. Dos nossos votos elles não têm o direito de dispor como si fossemos *coisas* delles.

Si alguma vez houver necessidade de irmos ás urnas façamos por nós e para nós, e nunca para servir de escada para quem nos explora e nos menospreza.

Basta de servilismo! Emancipemo-nos!

PERICLES DE MOURA.

HONTEM E HOJE

Os chapeleiros

Quando (não ha muito tempo, ainda) grande numero de operarios porto alegrenses se agitou em prol da sua emancipação; quando essa boa parte da humanidade soffredora, que anceia o despontar do sol da liberdade, luctando pela confraternisação movia-se, em cada recanto de Porto Alegre, em demanda da victoria do seu direito sacrosanto, — os maus, os nullos, os exploradores, os judeus errantes tambem se moviam lançando o desanimo, o odio, entre as fileiras dos defensores queridos, que, em constantes palavras, prégavam, com ardor, as prophecias do direito.

E, então, mal imploraste, apenas, ó companheiros da Fabrica Teichmann, para, em seguida, a maioria de vós, num momento de mal-pensar, despresar as vossas linhas de defesa, deixando com que os poucos companheiros firmes e devotados ao bem geral da classe fossem transformados em martyres dos odios patronaes...

E não foi só isso. Finda a campanha santa houve dentre vós mesmos quem lhes lançasse apódos e quem os perseguisse como a inimigos... Havia naquella época, entre vós outros, quem julgava-se ditoso e assás triumphante para sorrir da situação penosa a que se achavam reduzidos os que não se dobraram ante a tyrannia dos industrialistas cheios do orgulho e insaciavel ganancia.

Ah! mas os obreiros sensatos deviam ter comprecendido, logo, que esses sorrisos pronunciavam, fatalmente, os dias maus com que a exploração patronal sóe *premiar* a excessiva boa-fé e o servilismo alliados em proveito della. E esses dias vieram, com mais prestesa do que muita gente o suppunha.

Companheiro leal, tolerante, como entendo que devem ser todos os obreiros convictos da nobreza do ideal que alentou os combatentes daquella cruzada santa de outubro de 1906, não quero com estas linhas castigar os companheiros desertores, os que faltaram ao cumprimento de um compromisso sagrado, não! Além do que, assás seviciados moralmente devem estar os que erraram fugindo ao dever de solidariedade, na occasião opportuna em que a victoria sem sacrificios e rapida estaria garantida com a simples união da nossa classe! E' bem provavel que o arrependimento de se haverem transviado tenha levado, muitas vezes, á alma de cada um dos desertores, conscientes ou não, o aguilhão do remorso...

Elles reconhecerão, agora que a hyena patronal procura de todo cevar-se até no ultimo esforço do operario; que o seu dever era não esquivar-se á pratica do compromisso de solidariedade, como actualmente lhes cumpre rergatar a culpa affirmando e demonstrando absoluta firmeza ao lado dos companheiros que pugnam pela elevação e independencia da classe.

Disto não se recordaram na época do grande movimento obreiro porto alegrense, quando o triumpho completo muito dependia delles tambem; sonharam o goso de doces venturas interminaveis sob as boas graças dos patrões, pelo interesse dos quaes abandonavam os sagrados interesses proprios — que taes são os da classe em geral; suppozeram que, assim, obteriam proveitos, que teriam viver ditoso, o pão garantido, o lar confortavel, a existencia, emfim, tranquilla, sem que de longe ao menos lhes apparecesse a sombra de uma perseguição patronal. Acreditaram que a *hyena* ao regressar no fim do dia á sua *caverna*, depois de examinar com olhares cúpidos o resultado do labor dos operarios não mais estudasse meios de explora-os, de extorquir-lhes, de saciar-se até no derradeiro alento delles...

Enganaram-se, porém; reconhecem-n'o agora. Vêm assim, os ensinamentos para o operario. Das escaramuça sentre elle e o patrão. dos continuos attritos dos interesses de ambos é que irrompe a luz da experiencia, patenteando a realidade das cousas ao incauto explorado.

Aproveitae, pois, a riquissima lição da experiencia que vos facultou o sr. Teichmann, ó companheiros; aproveitae-a, abrindo os olhos e reflectindo no que será o dia de amanhã, si não souberdes agir como é necessario. Formae nas fileiras dos operarios que, sabendo quanto valem, sabem tambem, por isto mesmo, que não nasceram para escravos nem para bestas de carga, que têm direito á vida tranquilla, ao bem-estar rasoavel, aos prazeres honestos, porque produz, porque trabalha.

Si, entretanto, de nada vos servir a experiencia e si continuardes a fortificar o vosso inimigo e vosso algoz vereis, em breve, o resultado mais inequivoco... Podereis manter illusões, acreditando ingenuamente num futuro feliz, sem lucta de classe; podereis esperar pela manifestação do agradecimento burguez, limitando-vos a lamentar a demora — porque, dentro de pouco tempo, talvez, o sr. Teichmann vos dará, *generosamente, plena e agradavel satisfação ás* reclamações que fizerdes...

Dias.

OPERARIO ESBOFETEADO

Violencias de uma auctoridade

E' sempre contristados que lançamos o nosso protesto solemne e energico contra os detestaveis abusos, que chegam ao nosso conhecimento, praticados pelos encarregados do mando, que, de preferencia, escolhem os nossos companheiros de classe para offendel-os em seu brio, em sua honra, em sua dignidade, enxovalhando-os e impondo-lhes castigos immerecidos, injustificaveis.

Alguns desses galardoados do governo, cheios do calor official, transmudam o papel de auctoridades para o de escravagistas ferozes, com desrespeito á lei, com descabida affronta aos principios constitucionaes.

O Maragato, folha politica que se publica em Rivera, Estado Oriental, dá-nos noticia de uma occorrencia passada na cidade visinha, Livramento, por occasião das festas em honra a Garibaldi, no theatro 7 de Setembro.

E' o caso que, ao terminar a sessão solemne e encerrada a serie de discursos, a digna commissão de festejos querendo obsequiar os representantes das diversas associações e auctoridades, de um e outro paiz, que alli se achavam, offereceu-lhes uma taça de *champagne*, trocando-se alguns brindes particulares, sendo erguidos vivas a diversas pessoas alli congregadas, algumas dellas de significação na politica dominante.

A vista do precedente aberto, o joven operario Coradino Corrêa Pellegrini, enthusiasmado, tambem, como os outros que alli davam vivas a meio mundo, erguen um — *viva a democracia*, talvez — diz aquelle collega — o mais expressivo e justificado em uma festa onde se homenageava a memoria de um luctador, como o foi o invicto Garibaldi.

O delegado de policia, que estava presente, abafou a saudação com uma tremenda bofetada no joven Coradino e ainda pretendia prendel-o, o que não levou a effeito devido a intervenção de diversas pessoas.

Parte da burguezia que presenciou o escandalo estremeceu de revolta, exasperou-se contra a villeza do autor de tamanho attentado, da enormidade da violencia.

Parece que estamos voltando aos tempos da antiga Roma em que os maiores horrores se praticavam, ás vistas do publico, galardoando-se os executores.

A bofetada que estalou na face do joven operario no momento em que uma auctoridade, pisando a pés a Constituição do Estado, tirava a liberdade de pensamento a um popular, feriu a classe a que o offendido e victima da prepotencia faz parte.

Não ha indemnisação que sirva para um crime destes, imperdoavel, offensivo do decoro de uma sociedade que presenciou esse miseravel espectaculo, filho da ostentação e da vaidade de um funccionario que exorbitou, abusou, não soube cumprir o seu dever!

Escravisem-nos ainda mais, si são os vossos desejos, aproveitem-se da desunião da classe operaria — mas... não se esqueçam de que "quem ventos semeia colhe tempestades".

Nero, que foi chamado *divino*, morren como um porco...

Cautela, srs. burguezes! Cautela, si querels reviver os tempos da Roma do matricida...

Nova Aurora

Quando limpo de nuvens ficar o céo da politica modierna, quando o sol da futura democracia varrer das culminancias do poder o orgulho enfatuado dos dominadores assim como o de um dia primaveril varre do tôpo dos montes a neve do inverno, quando a ambição, esse alimento espiritual do burguez deixar de existir, nós desfraldaremos ao azul radioso do espaço a bandeira alvissima da Paz entregala-emos aos beijos das tempestades já adormecidas...

Liberdade, Egualdade e Fraternidade, — eis o triplice ideal porque hoje nos batemos... E amanhã, como disse alguem: quem sabe se não existir um ideal mais puro, que reclame a nossa cabeça para aninhal-o, o nosso braço para defendel-o? Quem sabe?

Irmãos, não anarchisemos: não manchemos nunca com alheio sangue a purissima doutrina de que somos apostolos!

Não vedes? — A burguezia chama-nos lama, chama-nos vermes, chama-nos podridão, mas, "póde nascer ao pé da forca um lyrio branco"... E ao pé da forca nascen a flôr impolluta dos nossos idéaes.

Não tarda a Nova Aurora. Abramos o coração para receber essa onda de luz em que vem disperso o fecundo pollen dos principios realisaveis, e rezemos diante do novo sol a pacifica *marselheza* da nossa victoria.

J. MONTEIRO.

Die geehrten Abonnenten der „Democracia" werden ersucht, die Erhöhung der Abonnentenzahl fördern zu helfen, ein jeder thue seine Pflicts als Arbeiter.

Deutsche Abteilung

Vom Segen der Arbeit

III

Man hatte, und irt noch heute vielfach der Ansicht, dass seine Industrie nur dann concurenz und lebenfähig sein kann, wenn man die Arbeitskraft aufs äusserste anspannt und wiedrige Löhne zahlt.

Und wäre es der Fall, dass eine Industrie nur bei elender Entlohnung und äusserste Anspannung der Arbeiter bestehen kann, so giebt es darüber nur eine Meinung und zwar diese, dass eine solche Industrie keine Berechtigung auf Existenz hat.

Die Erfahrung lehrt aber jeden Arbeiter, der einigermassen Augen und Ohren hat, dass der Jammer über die Gefährdung der Industrie weiter nichts ist, als leeres Geschwätz; denn bei einer Erhöhung der Löhne und Verkürzung der Arbeitszeit werden im schlimmsten Falle, und auch nur vorübergehend, die Profite der Unternehmer ein wenig geschmälert, und auch dieser Fall wird nur selten eintreten, da es ja den Unternehmern meistens gelingt, die erhöhten Unkosten der Produktion auf die Konsumenten abzuwälzen Die Klagen über die schwierige Lage der Industrie können nur erhoben werden, wenn die Arbeiter von den Profiten, die ein Unternehmen abwirft, keine Kenntniss erhalten.

Und erklärlicher Weise sind daher die Unternehmer sehr sorgfältig darauf bedacht, über diese Dinge nichts in die Öffentlichkeit gelangen zu lassen.

In Deutschland sind die Actienunternehmungen gesetzlich verpflichtet, ihre Geschäftsberichte zu veröffentlichen, was bei uns nicht der Fall ist, und trotzalledem hütet man sich, das wahre Ergebniss eines Geschäftsjahres deutlich zum Ausdruck zu bringen.

Mancher Arbeiter hat wohl auch hier den Geschäftsbericht der Weberei zu Ohren bekommen, und wird gefunden haben, welche fetten Dividente die Actionäre schlucken, während die Arbeiter bei knurrenden Magen jahraus jahrein auf dem selben nidrigen Niveau stehen bleiben.

Alle Vorstellungen auf Lohn aufbesserung zum Weitervegitiren scheitern. Man verschliesst sich bei solchen Fällen die Ohren, weil man weiss, dass diese modernen Sclaven der Hunger doch in die Fabrik treibt.

Ja die Direktoren bringen es vorzüglich fertig, die Bilanzen so schön zu frisiren, dass der volle Ertrag des Unternehmens nicht klar in die Erscheinung tritt.

Da werden bedeutende Summen abgeschrieben, neue Konten eröffnet und vorhandene dotirt, so dass es schon eines gewiegten Fachmannes bedarf, um aus dem mistischen Dunkel der Zahlen die Summen zu berechnen, welche neben den zur Verteilung gelangenden Reingewinn wirklich profitirt werden.

Aber trotz aller Bilanzkunststücke sind die Entschädigungen der Aktionäre für die schwere Arbeit des Profiteinsteckens oft so gewaltig, dass sie unwillkürlich zu Vergleichen anweizen mit den Hungerlöhnen, welche den Arbeitern den eigentlichen Schaffern alter Werte gezahlt werden.

Als Beweis, wie es heute gemacht wird, soll hier das Geschäftsergebniss der Närfadenfabrik Göggingen bei Augsburg otwa 900 Arbeiter, und zwar vornehmlich weibliche und jugendliche Wähnend die jugendlichen mit 1 Mark Tagelohn abgefunden werden, erhalten die Arbeiterinnen die barrenden Löhne von 1,20 bis 1,50 Mark. Im Durchschnitt verdienten die Arbeiter 700 Mark im Jahre, sie sind also gewis mehr als bescheiden bezahlt.

Um so höher ist aber der „Lohn" der Aktionäre.

Die Fabrik erzielte im vergangenen Geschäftsjahre einen Reingewinn von 965684 Mark, und es hat also jeder Arbeiter, der einen Lohn von 700 Mark erhielt, den armen Aktionären einen Gewinn von 1072 Mark geschafft, ohne dass diese es notwendig hatten, einen Finger desshalb zu rühren, ausser beim Einstecken des Profites.

In diesem angeführten Falle ist gewiss das Verhältniss zwischen den Löhnen der Arbeiter und dem mühelosen Gewinn der nichttuenden Kapitalisten ganz besonders krass, und man kann jedoch nicht sagen, dass ähnlich hohe Profite zu den Seltenheiten gehören.

Derartige Zahlen wirken aufreizend, sie zeigen, wo im Wirklichkeit der Segen der Arbeit bleibt, und sollte doch den Arbeitern die Augen öffnen, und sie zum Nachdenken und zum Zusammengehen bringen. Leider muss es der Arbeiterschaft immer wieder demonstrirt werden, dass all ihre Mühe und Plage nur den Erfolg hat, dass einer Handvoll Kapitalisten immer neue Gewinne in den Schoss geworfen werden.

Für den Bestand der Industrie sind die Aktionäre vollständig überflüssig, um so notwendiger ist für sie eine gut bezahlte Arbeiterschaft.

Es liegt im Wesen des Unternehmertums, danach zu streben, möglist billig zu prouzieren, und den Arbeitslohn als den Faktor zu betrachten, an welchem zunächst gespart werden kann.

Dieser letzteren Auffassung müssen die Arbeiter entgegenwirken; sie müssen ihre Organisationen unabläßig ausbauen. Je stärker eine Gewerkschaft ist, um so leichter wird es ihr fallen, ihre Angehörigen in anzermessener Weise schon in der Gegenwart im kapitalistischen Staate am Segen der Arbeit teilnehmen zu lassen.

W. K.

Peculatario duas vezes!

Na *Gazeta Colonial*, que se publica no municipio de Caxias, lê-se o seguinte:

„Já está no dominio publico o facto escandaloso e profundamente sensacional que motivou a prisão do sr. Antonio de A. Kroeff. Um desfalque de novo contos de réis no saldo que devia existir no cofre da collectoria foi verificado por um honrado funccionario do thesouro do Estado!

Além disso, o sr. collector é ainda devedor á fazenda estadual da importancia de sete contos e tantos, debito apuravado ha alguns annos e que esse infiel exactor nunca cogitou de amortisar."

Mas, como póde explicar-se isso: quando o funccionario já havia commettido uma falta grave, continúa no exercicio do cargo, sem ter soffrido um corrective qualquer?!...

Isto é simplesmente edificante!

No mesmo collega ainda encontramos estes lindos pedacinhos:

„E eis ahi como um homem, que fez soffrer a tantas victimas, concorre para que estas gosem a satisfação de vel-o expiar os seus proprios crimes!

Hontem era s. s. quem mais aconselhava o dr. Terra a *civilisar* os italianos a espada e a chicote; hoje são esses mesmos italianos que, em todos os angulos do municipio, festejam a sua morte moral!

Hontem s. s. os insultava na repartição a seu cargo; hoje elles o apontam como um... peculatario!

Elles, innocentes, soffreram as injurias, as calumnias, as prisões e os castigos corporaes; hoje elles esperam o resultado do processo que o fará voltar ao carcere a fazer vida commum com os seus congeneres em Porto Alegre!

S. s. surrava os presos e cospia-lhes na cara; as suas victimas não serão tão crueis, porque talvez riam apenas de sua desgraça e miserabilidade...

Triste, amarga e dolorosa lição!

Que sirva ella para todos os que, abusando do poder, maltyrisam os pobres e os fracos."

E' isto: sobrecarregam o Povo de impostos; praticam os maiores abusos e afinal o dinheiro que arrancam ao proletario, a titulo de tudo, desapparece, roubado, das repartições...

Ah, burguezes!...

Correio d'„A Democracia"

Mario P. de Oliveira. — Por motivos superiores á nossa vontade, não nos é possivel attendel-o.

Registro funebre

João Casapietra

Segundo noticiou a *A Noção*, folha que se publica em Uruguayana, falleceu naquella cidade, no dia 5 do mez proximo passado, contando apenas 25 annos de idade, o moço prezado amigo cujo nome epigrapha estas linhas.

João Casapietra era um operario — intelligente e honrado; era um filho dedicado, um irmão amoroso e um amigo leal. E foi por isso, certamente, que a sua morte foi profundamente sentida no seio dos seus innumeros amigos.

Deplorando-a aquelle triste facto envio aos inconsolaveis progenitores e mais parentes do meu infortunado amigo João as expressões sinceras de profundo pezar.

Antonio Cariboni.

EM NOME DA PATRIA

A palavra "patria" anda em toda as bocas e justifica todas as acções. Não ha outra de que se abuse tanto.

Abre-se um jornal e apparece logo o grave e importante articulista politico defendendo as mais absurdas theorias, para honra e felicidade da patria, seguindo-o immediatamente o negociante annunciando drogas venenosas e patrioticas.

Não ha lei que não seja inspirada pelos "sagrados interesses da patria"; não ha bandido que não justifique as suas proezas em nome do "patriotismo"; não ha despota que não se firme sobre o terreno glorioso do "bem publico"; não ha imposto, não ha carga, não ha servidão que não caia sobre as costas do povo a bem da independencia, da previdencia, do bem-estar nacional.

Um tyranno, um czar qualquer deseja mandar a distante Mandchuria, ao *matadouro*, alguns milhares de creaturas? E' a gloria e a honra da patria que o exigem. O proprio despota incarna a patria: desobedecer-lhe é crime de alta traição. Elle é que é a patria.

Um syndicato de exploradores provoca um litigio acerca dum territorio? promove um conflicto com uma população? Um bando de aventureiros origina uma revolta ou quer saquear a seu gosto? Filhos da patria, ás armas! A patria está em perigo! Ide morrer por ella!

Um governo decreta a lei do serviço militar obrigatorio ou tenta applical-a, isto é, procura amontoar a mais vigorosa e util juventude do paiz em antros de embrutecimento e de desmoralisação? Excellentes jornalistas desatam a clamar que é a segurança e a independencia da patria que o exigem.

Em nome da patria, patriotas satisfeitos roubam e exploram amados compatricios, montam empresas lucrativas; em nome da patria, são fuzilados operarios que pedem um pouco mais de pão... podendo assim arruinar a industria nacional; em nome da patria, da prosperidade do paiz pedem-se e votam-se leis prohibitivas, malfandegas e passaportes. Protegei o "trabalho nacional", patriotas... morrendo de fome. Em nome da patria foi que em França se combateu e calumniou a "liga anti-alcoolica" que viria arruinar uma industria "nacional"...

Ha só uma coisa que não se faz em nome da patria: é assegurar a todos os seus pretendidos filhos, em premio do seu trabalho, um quinhão justo de bem-estar e de liberdade. Para isso, a patria mostra-se impotente.

E, infelizmente, o proletariado ainda se deixa guiar bastante por ôcas declamações. E' por meio de sonoros palavrões — amor da patria, independencia nacional, dedicação patriotica — que os exploradores (dispondo aliás de outros meios poderosos) conseguem manter o proletariado numa condição abjecta que será a vergonha desta época chamada de civilisação e progresso.

Dizem ao cidadão que elle é livre, autonomo, independente, que elle goza de todas as regalias. Mas, em verdade, onde estão essas regalias, essa liberdade? Não está a patria dividida em classes de homens, de tal forma que uns dispõem de tudo e os outros são obrigados a vender os braços por uma miseria afim de poderem comer?

E si o proletariado consegue um sopro de liberdade, uma migalha de bem-estar é a patria que lhe dá isso? Não. Elle é quem o conquista pelo seu penoso e sangrento esforço contra a avidez e ferocidade dos verdadeiros possuidores da patria. A patria só lhe dá chumbo e cadeia, miseria e oppressão.

Si interrogamos um declamador patriota sobre o é a „patria", vemol-o immediatamente enleado, gaguejando, mastigando palavras mysteriosas e indecisas. Ninguem conseguiu ainda definir de modo seguro e positivo o idolo „patria", em cujo altar se têm immolado tantas victimas humanas. Que é a patria? Porventura o sabes tu, leitor? Conheces quem o saiba? Ha por ahi alguem que m'o possa dizer?

Seria um homem de valor, porque até hoje ninguem o disse de modo certo e categorico, dando uma definição de accordo com os factos. E' uma ideia vaga indefinida... pela qual, entretanto, se batem os homens, pela qual, entretanto, se enthusiasmam as turbas! Gente com fumos de sapiencia aventura vagamente que a patria é a „communidade de interesses"... Communidade de interesses entre quem?

Mentira. Dentro da patria não ha communidade de nenhuma especie. Não ha harmonia de aspirações, nem de sentimentos, nem de interesses materiaes dentro de certas fronteiras marcadas sobre o mappa.

Os patrões bem o sabem. Os capitalistas não têm patria. Os capitaes emigram, dão-se as mãos por cima das fronteiras, fazem ardente internacionalismo. Os seus interesses estão por toda a parte; o patriotismo não lhes importa... a não ser para enganar os outros.

Que os trabalhadores façam o mesmo. Os seus interesses estão igualmente por toda a parte. O internacionalismo é a sua arma.

„Proletarios do todos os paizes univos!" tal é o grito que, desprezando todos os confins, significa o toque a reunir para a batalha decisiva. *L. O.*

DIVERSÕES

Quadrilha tauromachica. — Estreia hoje, no redondel á rua Concordia, a importante quadrilha tauromachica dirigida pelo sr. Simões Serra.

Segundo noticia a imprensa diaria, a *troupe* que ora nos visita é digna de ser apreciada, pois para isso conta com elementos de valia.

„Os Geraldo". — O grupo canconetista *Os Geraldo*, que tão apreciado foi em sua ultima temporada nesta cidade, acha-se de novo entre nós, depois de uma excursão pelo interior do Estado.

Esses artistas estrearão brevemente.

O custo de uma guerra moderna

Vem a proposito, agora, que os serviços telegraphicos dos jornaes diarios tanto se referem á possibilidade de uma lucta entre os Estados Unidos da America do Norte e o Japão, recordar quanto custou, approximadamente, em vidas e em dinheiro, a guerra russo-japoneza.

As publicações officiaes russas accusaram a seguinte perda de homens, do exercito do czar, entre mortos feridos e prisioneiros:

No rio de Chaho, 45.000; Porto Arthur e Kim-Tchéou, 45.000; Liáo-Yang, 25.000; Hai-Cheng, 15.000; Vafangou, 3.000; Nos desfiladeiros,.... 2.600; Turentchen, 2.400; Semoutchen, 1.900; Ta-Chi-Tchao, 700; Sichsian, 360; Gaidjou, 240; Nos combates navaes e em escaramuças, 9.900; Sandepou, 10.000; Mukden,.... 175.000; retirados do theatro da guerra, por docentes, perto de 7.000 por mez, ou seja cerca de 100.000 ao todo. Total 435.000 homens.

Perdas materiaes, dois milhares de rublos, incluido os emprestimos interiores para as despezas da guerra.

Taes perdas são assim discriminadas excluindo-se o ultimo emprestimo, feito nas derradeiras semanas da lucta:

Linha ferrea da Mandchuria, 253.000.000; defesa e manutenção da mesma, 46.000.000; estragos causados pelos *boxers*, 70.000.000; construcção da cidade e do porto de Dalny,.... 20.000.000; organisação do serviço maritimo confiando com os pontos terminaes da linha ferrea, 11.000.000; Porto Arthur e respectivas fortificações, porto, obras de defesa do mesmo e o mais que foi alli abandonado ao inimigo, 500.000.000; emprestimos contraidos no extrangeiro para attender ás despezas da guerra, 570.000.000; outras obrigações do Estado resultantes da campanha,..... 150.000.000; 1480 peças de artilharia, estragadas umas e cahidas em poder dos japonezes outras, 10.000.000; navios mercantes confiscados pelo inimigo, 10.000.000; navios de guerra perdidos, incluidos neste numero os que Togo tomou a Rodjestwenski, 160.000.000.

Convertidas em francos as perdas da Russia attingem, pois, a cinco milhares e duzentos milhões, e as do Japão por pouco menos da metade disto.

E depois de ler-se o que ahi está, ainda haverá quem acredite que a civilição tem progredido em todos os sentidos?

Como os governos burguezes, unicos causadores das guerras, são *humanitarios*, são *benemeritos!*

O TRABALHO

E' este um assumpto social já muito conhecido sobre o qual nada de novo podgrei dizer, certo certo, mas em todo caso julgo dever dar começo a uma serie de artigos que me propuz a escrever, na *Democracia*, principiando por fallar sobre o trabalho que é uma lei que nos impõe a propria Natureza.

Sim, se observarmos, veremos que tudo no mundo obedece a essa mesma lei.

O sol que com os seus raios nos illumina e nos forneco o calor que necessitamos para a vida; a planta que em sua respiração purifica o ar de que vivemos; os ventos que transportam em sua vertiginosa carreira o pollem das flores para ir produzir o fructo; o verme que contribue em grande parte para as transformações, tudo, tudo emfim que temos diante dos nossos olhos trabalha e tudo se esforça pela vida e pelo progresso.

Um pão é pois a somma da qual são parcellas o suór derramado pelo homem que prepara a terra, planta, cuida e faz a séga; do trabalho de outro que á sociedade forneceu pela sua intelligencia machinas para o fabrico da farinha; do padeiro que perdem a noute em amassar a farinha, e ainda, do entregador que contribue para a nossa vida, sem fallarmos na Natureza que fez crescer a planta.

Por tanto, para que em nossa mesa possamos saborear esse pão sem sentirmos o sangue subir ás nossas faces é preciso que derramemos o nosso suór, é preciso que trabalhemos.

Todos os que assim não fazem, todos os mais que não trabalham, não passou de exploradores dos seus irmãos, que vivem sem produzir e que são portanto indignos.

Perante pois ao pão que mata a fome tanto vale um humilde operario como outro qualquer que a fama eleve ás nuvens.

Um preparador de tintas é perante elle igual a Rubens; um fundidor qualquer é igual a Praxitelles e um copista que assassine a grammatica e o bom senso, póde diante desse pão ser comparado, sem erro, a Victor Hugo.

Potentados, vós sois indignos, porque não sabeis o valor desse pão com o qual mataes a fome de vossa mulher e de vossos filhos.

Vós sois indignos porque não sabeis manejar a enchada, a pá ou a enchó. o lapis ou o cinzel.

Vós sois indignos por que gastaes em vossa vida uma herança de vossos paes e essa herança não é mais que o dinheiro roubado por elles ao suor dos vossos irmãos.

Só é digno, o homem que sabe ganhar o pão com que se sustenta, pelo trabalho honesto.

X.

ALCOOL E FUMO

(Tradozido para *A Democracia*)

Qual a explicação do facto de, hoje em dia, acharem-se tão disseminados pelo universo inteiro o habito de fumar e o de embriagar-se?

Taes habitos não são o resultado de inclinação natural e nem os justifica, originariamente, pendencia para as distracções ou prazeres. São adquiridos pela impulsiva necessidade do individuo que quer illudir a si proprio simulando certas manifestações da consciencia.

Recordo-me, a proposito, da surpresa que se apoderou do mim ao ouvir o depoimento de um cosinheiro judeu accusado de haver assassinado uma velha, minha parenta, de quem elle era serviçal.

O delinquente narrou minuciosamente como e porque havia empunhado a faca e como penetrara na alcova da victima.

Ao encontrar-se alli sentiu-se incapaz de perpetrar o crime.

„E' que o homem sobrio tem remorsos," explicou elle.

Dirigiu-se, então, á sala de jantar, onde, de prevenção, deixara, a um canto da mesa, dois copinhos cheios de cachaça; bebeu o alcool rapidamente e pouco depois achou-se encorajado para matar—e matou.

Nove decimos dos crimes são commettidos em condições semelhantes a essa.

Beber primeiro, ingerir qualquer alcool, para ter mais coragem, é a regra geral.

De todas as mulheres que se depravam, a metade foi seduzida sob a influencia do alcool.

Quasi todos os moços que frequentam as casas de prazeres *faceis* são estimulados pelo alcool.

Ah! os homens conhecem muito bem o poder do alcool para estrangular, quando o querem, a voz da consciencia.

E não é tudo. Não só ha homens que obscurecem o intellecto para fazer calar a propria consciencia, mas tambem os ha que, por meio do alcool, obscurecem as faculdades de outros a quem desejam arrastar pela estrada do crime.

E' assim que, no inicio de uma batalha, fazem os soldados ingerir liquidos alcoolicos, para que com ardor se empenhem na lucta.

Quando as tropas francezas deram o celebre assalto á famosa praça de guerra Sebastopol, todos os soldados assaltantes estavam bebedos.

Não é mister ser grande observador para notar mais este facto bem significativo: aquelles que bem pouco valor ligam ás leis de Moral—são especialmense inclinados a deixar-se arrastar pela embriaguez, sob todas as fórmas.

... Os que faziam parte do *Santo Officio*, de ominosa memoria, esses pavorosos vultos da terrivel Inquisição, bebiam antes de torturar as victimas, bebiam para, destroçando, com isso, os ultimos sentimentos humanos, que, por acaso, ainda perdurassem nelles, poder supplicar com todos os requintes da crueldade.

Finalmente, os bandidos, os ladrões e as prostitutas não podem viver sem dar-se ao alcool.

Leo Tolstoï.

VARIAS

O contra-mestre Roever. — Do nosso collaborador *S.* da *União dos Chapeleiros*, recebemos o seguinte, cuja publicação urgente nos foi solicitada pela secretaria daquella associação.

O sr. Adolpho Roever, contra-mestre da fabrica de chapéos Oscar Teichmann e actual presidente da *beneficencia teichmanneana* (*sic*) acaba de dar, tambem, uma *nota* interessante, na questão de salarios daquelle estabelecimento: Respondendo a uma reclamação dos operarios da secção de propriagem da fabrica, declarou não haver razão para ella, pois que os salarios que essa companheiros recebem — *são muito bons*.

Isto diz elle agora, que está ao lado dos interesses do patrão graças á mamata de contra-mestre. Entretanto, quando sendo simples operario, como nós, soffreu reducção no salario, isto é — quando o sr. Teichmann abolin o seu ordenado fixo e obrigou-o a trabalhar por obra, sujeitando-o, portanto, ás eventualidades de falta de material, etc., elle foi o primeiro a gritar que nenhum chapeleiro poderia sustentar-se, e, ainda menos, com familia, ganhando tão pouco. E naquella occasião os preços do trabalho da propriagem eram superiores aos de hoje!

Vimos cadernetas de propriagistas e verificamos que o que o patrão paga nada tem de *bons preços*.

Sr. Roever! Seja justiceiro, seja criterioso; não continue a auxiliar quem prejudica aquelles a cujo numero já pertencestes e á cuja condição ainda podereis voltar. Recordae-vos do tempo em que fostes simples operario tambem. Deixae de ser inimigo dos interesses legitimos, justissimos dos trabalhadores, — si não quereis ler n'*A Democracia* cousas que, embora sabidas de muitos nossos collegas, não vos seja agradavel ver publicadas.

S.

(Da *União dos Chapeleiros.*)

Gremio de Artes Graphicas.—Na proxima quinta feira, ás 7 horas da noite, na residencia do seu presidente, á rua Coronel Genuino, antiga da Figueira, n. 46, esta associação effectuará sessão de assembléa geral para verificação das contas da thesouraria e preenchimento de dois cargos vagos na directoria.

Federação Operaria do Estado do Rio Grande do Sul. — A Commissão Central reunir-se-á, em sessão ordinaria, na proxima sexta-feira, ás 7 horas da noite, na séde á rua Ramiro Barcellos, 128.

Mais uma victima. — Procedente de S. João do Montenegro chegou a esta capital, na terça-feira ultima, e foi recolhido a uma dos enfermarias da Santa Casa de Misericordia, o operario Antero da Silva, empregado do serviço da estrada de ferro, no qual soffreu um desastre.

Esse nosso inditoso companheiro de classe cahira de uma locomotiva em movimento, na occasião em que, por necessidade do trabalho, tratava de galgal-a rapidamente, resultando lhe da quéda fracturar a perna direita.

Antero veio para a Santa Casa afim de ser operado; e o seu estado é grave.

Juvenal Alves de Oliveira. — Esteve nesta capital alguns dias, vindo de S. João do Montenegro, onde reside e é geralmente estimado, o nosso muito dedicado amigo cujo nome epigrapha esta noticia.

O distincto companheiro, é que presidente da *União Operaria* daquella villa, trouxe agradaveis noticias referentes á propaganda emancipadora da nossa classe alli.

Folgamos em registrar que o operariado montenegrino, disciplinado e attento aos criteriosos conselhos de Juvenal de Oliveira, trata proficuamente de seus interesses.

Amostras... — Em sua edição de quarta-feira ultima o popular *Petit Journal* publicou a seguinte noticia:

„Do Rio de Janeiro vieram recentemente, na ultima viagem do *Mercedes*, vinte cunhetes contendo cartuchos para espingardas *Manulicher*.

Disseram-nos que os cartuchos são de festim!

Livra!"

Outro diario noticiou que estão sendo examinados por um official do exercito, ha dias nomeado para tal fim, muitos milheiros de cartuchos de festim fabricados no laboratorio pyrotechnico desta capital.

Uhn... Tantos cartuchos de festim...

E justamente quando se murmura que os horisontes politicos estão se enchendo de nuvens negras...

Ainda outro jornal porto-alegrense publicou, ha pouco mais de uma semana, que a brigada militar recebeu, do Rio de Janeiro, munições de guerra.

E (que coincidencia!) o effectivo dessa brigada está sendo augmentado...

Provavelmente é para poder gastar quanto antes, afim de que não se estraguem com a humidade, os *cartuchos de festim* que a referida milicia tem em deposito.

Tudo isso é muito simples e muito lovico; quer dizer que *as cousas vão bem. graças a Deus...*

Afinal, *por fás ou por nefas*, quem hade ter o gostinho de entrar nos *festinr* de tanto cartuchame será o pobre Zé Povo, que queira ou não queira, porque desde que elle os paga tem obrigação de saber, praticamente, para que servem.

E como si a perspectiva do fim do anno 1907 não seja sufficiente para *alegrar* a alma de quem precisa trabalhar para comer e paz para trabalhar, ainda andam por ahi uns ingenuos a assoalhar que de muito bom senso seria o operariado envolver-se nessas comedias de agitações e contra-agitações politicas com que os *moços bonitos* da burguezia tratam de *empulhar* o Povo,

Entao o operariado a *dansar de urso* no *mazixe* politico da actualidade, para ver como lhe sairá mais *engraçada* do que se espera a marca final da *farra*...

Preparemo-nos para o *festim*, porque é preciso: *ensaiemos o passo*, porque, em chegando a occasião não haverá outro remedio senão *dansar* tambem.

Mas saiamos, então, fazer figura correcta, de mestres-salas, a marcar á *art-nouveau* para a gentil burguezia...

Preterição. — Por nos ter chegado tarde os originaes do ultimo artigo da série *Factos e fastos* da fabrica de chapéos de Oscar Teichmann, que o nosso collaborador *S.*, da *União dos Chapeleiros*, está publicando nesta folha, adiamos para o proximo numero a inserção do mesmo.

SOCIEDADES OPERARIAS
DE PORTO ALEGRE

FEDERAÇÃO OPERARIA
DO
Estado do Rio Grande do Sul

Presidente, Porfirio José da Silva
Thesoureiro, Wilhelm Koch.
Secretario, F. Xavier da Costa.

A Commissão Central da Federação Operaria compõe-se dos seguintes delegados eleitos pelas respectivas associações:

Wilhelm Koch, da *Allgemeiner Arbeiterverein*; Alberto Kruse da *União dos Chapeleiros*; Samuel Uhr, da *União dos Metallurgicos*; Goularte Sampaio, da *União dos Trabalhadores em Madeira*; Francisco Xavier da Costa, do *Gremio de Artes Graphicas e Correlatas*: José Masareck, da *Towarzystwo Naprzód*; Antonio Budzyn, do *Club Imprensa Operaria*; Pedro Mayer, da *União Operaria Internacional*; Abel Zacharias da Paixão, da *União Operaria*, de S. João do Montenegro.

A correspondencia deve ser dirigida ao secretario, á rua Coronel Genuino, n. 46. A secretaria funcciona, nos dias uteis, das 7 ás 8 da manhã e das 6 da tarde ás 8 da noite.

Club Imprensa Operaria. — Fundado com o fim exclusivo de fazer a propaganda da reivindicação dos direitos do proletariado, por meio da publicação de jornaes, pamphletos, boletins, etc., etc. „A Democracia" é redigida e editada sob as deliberações delle.

Sua directoria é a seguinte: Presidente, Porfirio José da Silva; secretario, Xavier da Costa; thesoureiro, Antonio Budzyn; procurador, Antonio Wandiek.

Allgemeiner Arbeiterverein. — Presidente, Pedro Mayer; secretario, Stefan Gossorowski; thesoureiro, Henrique Amthauer. Séde: Rua Voluntarios da Patria, 367.

Towarzystwo Naprzód. — Presidente, Francisco Iakubowski; secretario, Ramão Iakubowski; thesoureiro, Antonio Ciesielski. Séde: Avenida Minas Geraes.

União Operaria Internacional. — 1º secretario, José Rey Gil; 2º dito, Stefan Michalski; thesoureiro, Paulino de Oliveira; bibliothecario, Pedro Mayer. Séde: Rua Ramiro Barcellos, 128.

União dos Pedreiros. — Presidente, João Ferazzoni; vice-presidente, José André Gonçalves; 1º secretario, Porfirio José; 2º dito, Antonio Leite da Maia; thesoureiro, Glicerio Paulino. Séde: Rua Aurora n. 168.

União dos Metallurgicos. — Presidente, Adolpho Brandt; vice-presidente, Alberto Heinrich; secretario, Francisco Marschner; thesoureiro, Paul Kocat. Séde: Rua Ramiro Barcellos, 128.

União dos Empregados em Padaria. — Presidente, Miguel Abbade Filho; 1º secretario, Antonio di Giorgio; 1º thesoureiro, João Sassen. Séde: Rua Conceição. 22.

União dos Chapelleiros. — Presidente, Luiz Schöntag; vice-presidente, Pedro Strenge; 1º secretario, Alberto Kruse; 2º dito, Manoel R. Pereira; thesoureiro, Leiz Werkhaeser. Fiscaes: Marçal Febrati, Antonio Lick e Mario Brochado. Séde: Rua General João Telles, 60.

União dos Trabalhadores em Madeira: — Francisco Lima, presidente; Joaquim Leão, vice-presidente; Carlos Macchi, 1º secretaria; Antonio Marques, 2º dito; Pedro Simon, 1º thesoureiro; José Gondran, 2º dito; Oswaldo Simon, 1º bibliothecario; 2º Dario Guedes. Séde: Rua Ramiro Barcellos, 128.

União de Soccorros dos Operarios.—Presidente, Ernesto Schell; vice-presidente, José Joaquim Ferreira; 1º secretario, Albino Gussi; 2º dito, Augusto Costa; thesoureiro Clemente Lourenço Martins; 2º dito Carlos Scheib; procurador, Antero Fernandes da Silva. Séde: Rua Felippe Camarão, 19.

Gremio de Artes Graphicas e Correlatas. — Presidente, Francisco Xavier da Costa; secretario, João Francisco Pinto; thesoureiro, Julio Henrique Otto Neu. Séde: Rua Coronel Genuino, 46.

Gremio Instructivo e Recreativo 1º de Maio. — Presidente, Quintiliano Raupp; secretario, João dos Reis; thesoureiro, Waldemar Barbosa. Séde: Salão 1º de Maio, na Avenida Missões.

AVISOS

Club Imprensa Operaria
Aos assignantes d'„A Democracia"

Em consequencia da mudança das placas de numeração de diversos predios da cidade, têm sido devolvidos alguns numeros desta folha com a nota — MUDOU-SE.

Para evitar isso pedimos aos assignantes moradores das casas cuja numeração tenha sido mudada, que participem-n'o aos agentes indicados na primeira columna da primeira pagina desta folha.

União dos Pedreiros
AVISO AOS SOCIOS

O director em exercicio durante o corrente mez é o companheiro Attilio Fornari, morador á rua Aurora, n. 114.

O 1º secretario,
Porfirio José da Silva.